Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Julia Fatio Vasconcelos - fatio.julia@gmail.com

Escrever uma Outra voz

Resumo: o texto a seguir é efeito de uma pesquisa desenvolvida em grupo desde 2022 pelo Instituto Vox sobre o tema “Leituras Clínicas a partir da voz”. Através de articulações teóricas da teoria de Jacques Lacan e Roland Barthes, o texto visa desenvolver algumas elaborações entre psicanálise, voz, escrita e uma certa alegria em viver.
Palavras-chave: psicanálise, voz, pulsão invocante, sujeito, Outro, vida.

São Paulo
2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Julia Fatio Vasconcelos - fatio.julia@gmail.com

Writting Another Voice

Abstract: The following text is the efect of research developed by the Vox Institute since 2022 on the theme "Clinical Readings from the Voice." Through theoretical articulations of the theories of Jacques Lacan and Roland Barthes, the text aims to develop some elaborations on the relationship between psychoanalysis, voice, writing, and a certain joy of life.
Keywords: psychoanalysis, voice, invocative drive, subject, Other, life.

São Paulo
2025

Escrever uma Outra voz

> Nada tenho a dizer a você, senão que este nada é a você que o digo: ‘Por que recorres novamente à escrita? Não deves, querida, formular tão clara pergunta, pois, na verdade, nada tenho a te dizer; tuas mãos entretanto receberão este bilhete.
>
> Roland Barthes

xxx

Há uns anos atrás me deparei com uma frase de Lacan: “Uma análise não deve ser levada longe demais. Quando o analisante pensa estar feliz com a vida, é o bastante.” Mais tarde, no Instituto Vox, houve o encontro com os seminários sobre a voz e com os textos de Jean Michel Vivès e Alain Didier Weil, que transmitem a psicanálise com uma generosidade sem igual. A leitura de seus escritos ofereceram palavras ao que até então eram apenas sensações. O texto que se segue, portanto, é efeito desses encontros, entre escrita, vida e leitura, e também elaborações em análise e supervisões e da troca entre colegas e amigos, sem os quais se torna impossível ir adiante.

xxx

Em 1977, o escritor e filósofo francês Roland Barthes ofereceu no Collège de France um curso aberto sobre o processo de escrita. Encantado com uma viagem que tinha feito ao Japão, 7 anos antes, ele divide com seus alunos a

questão: como fazer passar uma verdade através da escrita? Os Japoneses usam os Haicais, e nós, aqui no Ocidente?

Se no Japão os Haicais preservam uma escrita concisa e breve, em que o excesso de sentido é evitado, tal qual as pinturas, que mesclam o desenho e a caligrafia, mantendo sempre um espaço e um vazio, no Ocidente, tendemos a privilegiar a poesia, como a linguagem que toca o real. Mas em matéria de literatura, gostamos também das narrativas, dos excessos, de falar e tagarelar. Segundo Barthes, como então, capturar nos textos mais extensos, nos romances, um texto paralelo, que toque também o texto da vida?

Para o escritor francês o ato de escrever envolve, antes de tudo, um gesto de amor. E aqui ele explica, não de um amor apaixonado, que fala de si, mas o amor enquanto ato que vai em direção ao outro. É um amor que celebra a vida e testemunha o outro. É essa a matéria prima da escrita. Um Querer-escrever, como ele chama, que envolve um desejo, uma pulsão, e da qual curiosamente não possuímos um nome. Barthes afirma então que o prazer da escrita não está no conteúdo em si, mas numa sacudida que o próprio ato de escrever promove. A cada vez que nos dirigimos à ela, se torna necessário redescobrir uma nova prática do escrever. E então se pergunta, ao final de uma escrita, o que se encontra? E ele diz, a vida, a sensação da vida, o sentimento da existência, sua confirmação. Quando a linguagem se cala, ele afirma, quando não há mais comentário, interpretação, sentido, então a existência é pura. O desfalecimento do discurso, Barthes ainda retoma, remete a dois estados extremos: aquele que se torna emudecido e soterrado ao crer que não há nada a ser dito, ou o júbilo ardente do vivo que encontra seu silêncio. A escrita permite essa segunda. “Em suma, (...) que vale a pena viver. …-> se eu fosse autor de haicais, eu teria dito do modo mais essencial e mais indireto (menos tagarela).” (1977/2005, p.99)

O filósofo francês relembra então que a relação com a escrita, assim como com a vida, envolve um jogo de criação e perda. Sob certas circunstâncias, ele

afirma, diante de certas devastações, o “Querer-Escrever” se impõe como um recurso, como uma força que permite uma nova partida, uma nova direção. Uma “Vita Nuova”, ele brinca, fazendo alusão a Dante, que fazia de sua vida obra.

Barthes resgata então em seu curso uma afirmação de Mallarmé “Criei minha obra somente por eliminação, e toda verdade adquirida só nascia da perda de uma impressão que, tendo cintilado, se consumira e me permitia, graças a seus timbres destacados, avançar mais profundamente (...)" (MALLARMÉ apud BARTHES 1977/2005, p.98).

Após a morte de Barthes, em 1980, o conjunto dessas aulas foram reunidas e deram origem ao livro *A Preparação do Romance*. Em seu prefácio, a escritora Nathalie Lèger afirma que, mais do que uma resposta, o que Barthes fez com esse curso foi convidar seu auditório a acompanhá-lo em sua pesquisa e colocar em cena um dos princípios de toda busca: não conhecer de antemão seu objeto buscado, conhecer apenas algo de si mesmo. Ela relembra então a frase que Michelet escutou de seus alunos em 1851: “Não aprendemos nada com o senhor. Somente nossa alma, ausente, voltou para dentro de nós”. (1977/2005, p.XIV)

No mesmo ano em que Barthes proferia seu curso, Lacan desenvolvia, seu seminário 24[1] (1976-1977). Naquele ano, o psicanalista se utilizava com ainda mais intensidade dos jogos de homofonia e tradução para transmitir o inconsciente. Ele abre suas aulas propondo que o termo em alemão “Unbewusst”, que usualmente lemos como inconsciente, pudesse ganhar uma nova tradução. Em francês o termo ressoa aos ouvidos como “une-bévue”, o que acabou sendo traduzido para o português como “um-equívoco”. Em 1979, ele reúne algumas dessas aulas e publica seu conjunto na revista Ornicar sob o título *Rumo à um novo significante*. Nesse conjunto de textos, Lacan se pergunta o que se escreve

[1] Título original “L’insu-que-sait de l’une-bévue s’aile à mourre”. Que pode ser traduzido por “O-não-sabido-que-sabe do equívoco dá asas ao jogo do morra” ou “O-não-sabido-que-sabe do equívoco é o amor”

ao final de uma análise. Ele diz que continua a se interrogar sobre a maneira como ela funciona e indaga: "Como fazer para que ela se constitua numa prática que seja, ainda que algumas vezes, eficaz?” (LACAN, 1979, p.24) Lacan segue então por sua nova tradução. Ao tomar o inconsciente por um-equívoco, não se trata apenas de uma troca de palavras ou sinônimos, mas de um novo significante que aponta para uma direção de tratamento - através de uma experiência analítica, poderia o sujeito se valer do inconsciente não como algo a ser desvendado e solucionado, mas como um saber com o qual pode contar e que faz com que a vida de cada um se desenrole e se arranje melhor?

Lacan então explica um pouco mais. Não se trata de um saber absoluto com o qual nos identificamos. Porque o inconsciente permanece eternamente Outro. Mas ele pode sim se tornar um saber com o qual o sujeito passa a ter um certo traquejo, um saber fazer. É aí que reside a sua beleza. E então ele segue: O inconsciente é uma entidade que "tentei definir pelo simbólico, mas que não é, em suma, senão uma entidade a mais, uma entidade com a qual se trata de saber lidar (savoir y faire). (...) O inconsciente é o que faz mudar alguma coisa". (LACAN, 1979, p.14)

E o que muda?

Lacan dá então mais algumas voltas. “Cheguei a dizer uma vez”, ele afirma, “tal como um célebre pintor - Eu não procuro, acho. No ponto em que me encontro, tanto não acho como não procuro. Dito de outra maneira, dou voltas. E é isso mesmo o que se produz” (LACAN, 1979, p.16) Para transmitir então o que se passa com esse saber, Lacan vai aos nós, volta aos seus esquemas, aos reviramentos dos toros, modelos, ele erra, se equivoca, chama seus colegas, até que, tal como Barthes, recorre ao Oriente e lá encontra a poesia chinesa.

O que lhe interessa na poesia, ele afirma, é que ela não se prende aos sentidos, é que ela faz da equivocação motivo de criação e não de mal-dizer e

destruição. O sentido, ele ainda ressalta, não vai muito longe, ele tampona, detém o sujeito. Saber lidar com seu sintoma, ele diz, é isso o fim da análise. Mas é preciso reconhecer que afirmar isso “é pouco” (LACAN, 1979, p.1) Então ele acrescenta - na medida em que a interpretação toca o sintoma e esse se extingue ou se reduz, sua verdade se especifica em ser poética, não-toda. É aí que os poetas chineses o atraem. É que eles cantarolam, e isso dá a sensação de que há algo que eles não estão presos ao sentido das palavras. A astúcia do homem é poder encher a vida com poesia, não que a interpretação analítica busque o belo, mas ela é poética na medida em que se pode sustentar na existência tanto os efeitos de sentido como seus efeitos de furo, é isso que faz mudar alguma coisa.

Lacan então afirma, que tanto a psicanálise como a poesia são trapaceiras. A língua é fruto de maturação, de um amadurecimento que se cristaliza no tempo e no uso, e ambas dependem de uma certa violência, de um trabalho de forçagem feito a esse uso, para que algo se modifique. Se a poesia se impõe contra a vontade de sentido, é para manter sua significação em aberto. Significação em aberto não para que possa caber o que qualquer um crê. Mas naquilo que ela transmite enquanto um efeito de vazio. Lacan, assim como Barthes, retorna então a Dante e afirma que é nisso que ela exprime seu caráter amoroso, nesse ponto de abertura.

Mas como então transmitir essa escrita forçada? Considerando aqui nosso tema de investigação, estaria ela ligada ao trabalho com a voz? Lacan encerra então seu texto e se pergunta se essa função poética numa análise estaria ligada à construção de um(a) (relação com o) significante que pudesse nos desprender um tanto do sentido e tocar o real e convida os analistas a dividirem com ele suas pesquisas nesse campo.

No livro, *Estruturas Clínicas*, o psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein afirma que parte da herança que Freud nos deixou são essas voltas e um empuxo

a seguir adiante justamente com nossas perguntas e pesquisas. Um desejo de saber no qual os conflitos e aquilo que toca subjetivamente cada um de nós não fica de fora na produção de conhecimento e saber.

> O esquecimento específico da ciência é com relação a história, ela não tem memória do drama subjetivo do sábio, implicada em cada "revolução" científica. (...) Para sempre as marcas do desejo de saber de Freud e seu caminho vão estar nas estruturas da psicanálise, porque a psicanálise opera justamente atribuindo uma função essencial à história e à posição do sujeito nela, a seus atos e à memória deles. (EIDELSZTEN, 2017, p.23)

Em 1978, Lacan, no 9o Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre o tema da Transmissão afirma então que é nesse ponto também que reside o grande desafio para a psicanálise, porque se por um lado há a transmissão desse desejo, que nos toca e invoca, por outro, ao conter também o que é de cada um, ela não é um conhecimento concreto que pode simplesmente ser apreendido e passado adiante e caberá a cada um reinventá-la e transmiti-la.

"Tentei ter algum testemunho sobre o modo como nos tornamos psicanalistas: o que faz com que, após termos sidos analisantes, nos tornemos analistas?" (LACAN, 1978)

E depois ele segue:

> Eu, devo dizer, me indaguei sobre isso, e é por isso que fiz minha Proposição, aquela que instaura o que chamamos o passe, em

> que confiei à alguma coisa que se chamaria transmissão, se havia uma transmissão da psicanálise.
>
> Tal como agora chego a pensar, a psicanálise é intransmissível. É bem chato que cada psicanalista seja forçado - pois é preciso que ele seja forçado - a reinventá-[la]'. (LACAN, 1978)

No livro *Invocações*, o psicanalista Alain Didier Weill, nos pergunta então como podemos nomear esse desejo de Freud que foi passado adiante para que cada psicanalista siga com suas investigações sobre a clínica e o inconsciente? Estaria em ato, na própria origem da psicanálise, os traços de uma pulsão que chama e invoca o desejo do outro de seguir adiante, nomeada como pulsão invocante?

Se Freud em sua teoria tirou o ser humano do campo dos instintos e o lançou para as pulsões, que nomeou como oral, anal e escópica, Lacan, através de suas pesquisas pela psicose, introduziu uma quarta que chamou de pulsão invocante e colocou como seu objeto a voz. Alain Didier, afirma em seu livro que se Freud deixou a voz de lado, é por que das artes, a música era a que menos privilegiava e assim não se atentou para a invocação causada por ela. “Sem dúvida porque [Lacan], como Freud, era muito mais sensível ao universo plástico que ao universo sonoro da música.”(DIDIER, 1999, p.10) Dessa forma, Didier reitera também que as construções teóricas não são feitas com um afastamento do sujeito e elas trazem um pouco daquilo que nos toca, tendo ele próprio avançado de forma significativa nesse campo da pulsão invocante.

Na aula de 21 de dezembro de 1976, que compõe o texto acima citado, *Rumo a um novo significante*, Lacan o convida para que ele fale sobre os avanços de sua pesquisa e o ajude em suas formulações. Às voltas com a articulação, a partir da música, dos 3 tempos da pulsão invocante - escutar, ser escutado e se fazer ser escutado -, Didier propõe que haveria ainda um 4o tempo pulsional. Um

tempo onde o sujeito se lança para uma experiência de gozo que ele chama de gozo extático, que seria um prazer pela existência que leva em jogo o saber inconsciente. Didier aproxima esse 4o tempo de uma experiência mística e afirma que seria a experiência de encontro com a falta, com a hiância no campo do Outro e então se pergunta se não seria essa a experiência dos finais de análise? Um tempo em que o sujeito toca o real e silencia a imperiosa necessidade da demanda.

> "Há uma passagem no 'Seminário XI', bem antes de falar do problema do Outro, acerca do problema da pulsão e da sublimação, em que Lacan coloca a questão e se pergunta que seria a travessia, como a pulsão pode ser vivida depois do que seria a travessia da fantasia. E acrescenta que isso não é mais do domínio da análise mas do além da análise." (DIDIER, 1976/1979, p.7)

No mesmo ano dessa aula, em 1976, Lacan é convidado pela professora de literatura Shoshana Felman a proferir algumas conferências em diferentes universidades nos Estados Unidos. Na 3a delas, em Yale, ele comenta sobre os efeitos que um analista pode testemunhar de sua prática e pergunta: se passar por uma experiência de análise pode ser tão longa e desconfortável, o que leva alguém a encontrar nela certa satisfação? E ele responde, o que ouvimos no curso de uma análise é o esforço do sujeito para sair de alguns embaraços da vida, daquilo que impede logicamente seus caminhos e que o parasitam e paralisam, aí se podem encontrar algum efeito e porque não, um certo prazer? Mais adiante ele fala - a descoberta do inconsciente é algo muito curioso, pois ela é a descoberta de um tipo muito especial de saber, um saber intimamente ligado ao material da linguagem, "e que adere à pele de cada um pelo fato de que se é um ser humano." (LACAN, 1976, p.25)

Então, por fim, Lacan pede desculpas se o que dirá pode parecer audacioso, mas não é, e afirma "Posso somente testemunhar sobre aquilo que a minha prática me fornece. Uma análise não tem que ser levada muito longe.

Quando o analisante pensa que é feliz em viver, já é suficiente.” (LACAN, 1976, p.24)

Com essas colocações feitas, retornamos então à pulsão invocante, que toca nossa pesquisa - se por ela se inscreve aquilo que nos traz à vida e coloca em jogo o desejo, não poderíamos pensar a articulação de seus tempos à escrita de um saber inconsciente que tem por efeito uma alegria em viver como comenta Lacan, ou um prazer pela existência como nomeia Didier? E se sim, poderíamos pensar para a tessitura desses caminhos, a precipitação de um outro tipo de laço com o Outro que permita se pensar assim?

No livro *Invocações*, Alain Didier Weill desenvolve uma importante diferenciação entre demanda e pulsão invocante. O psicanalista afirma que o que distingue ambas é que no campo da demanda há uma exigência absoluta feita ao Outro, uma exigência de que ele se manifeste aqui e agora e lhe ofereça uma resposta sobre sua existência. A invocação, ao contrário, é um movimento que retira o sujeito dessa dependência. (...) “Invocante, o sujeito é guiado, orientado em direção a um 'ponto azul ’que ainda não está presente, mas que se situa num porvir possível, de onde convoca o sujeito como pura possibilidade.” (DIDIER, 1999, p.17)

Ele toma então as artes, tanto a música e a dança, como metáforas dessa experiência. Para ele, o prazer alcançado está na possibilidade do sujeito ser arrancado do campo da demanda de amor e à pergunta ao Outro “che vuoi?”.

> as, antes que seja esse agente que agirá a música, dançando-a, esse sujeito passa por um tempo lógico prévio, onde é arrancado à sua latência num movimento de êxtase que o transporta para a cena da ex-sistência. Por que esse transporte é tão siderante? Porque, no

> instante mesmo em que se atravessa esse limiar, algo de fundamental desaparece: o campo da demanda de amor que até então impulsionava esse sujeito a ser, com relação ao Outro, um demandante, um medicante, não deixando de estar em busca de uma prova de sua existência. (DIDIER, 1999, p.12 e 13)

Jean Michel Vivès, no livro *A Clínica psicanalítica* acrescenta então à esses dois campos da arte a escrita, sendo esta última a arte da voz em sua dimensão gráfica. Barthes afirma que nenhum objeto está numa relação constante com o prazer, mas que para o escritor, muitas vezes, este objeto seria a língua materna - os ditos recebidos, com os quais brinca, retorce, sacode e cria. Heloisa Caldas, no livro *Da voz à escrita*, afirma que na literatura, a voz está presente enquanto objeto *a* desligado de sua materialidade fônica, mas que ela surge como manifestação subjetiva enquanto endereçamento a um outro. Para ela, o que interessa na escrita é que se trata de um falasser às voltas com o não-todo da linguagem. A verdade, ao invés de ser descoberta, é tocada pela invenção de um texto, por uma ficção onde o escritor demonstra o que sabe fazer com o não-todo linguageiro.

Para Vivès, se a voz é o objeto da pulsão invocante manifestada de maneiras diferentes em cada uma das artes, é porque ela é o suporte corporal e pulsional dos enunciados. A voz é a parte do corpo que se deve pôr em jogo para que esses se produzam. Ela é, portanto, não o som em si, mas o que toca o outro e permite à ele investir a mensagem transmitida. E acrescenta, o que é próprio dessa pulsão, a pulsão invocante, é justamente seu endereçamento a um outro.

Vivès relembra então a afirmação de Lacan, no seminário 11, no qual afirma que das pulsões, a invocante é a mais próxima à experiência do inconsciente. E o que isso quer dizer? Para que o sujeito exista, para que o *infans* venha à vida, é preciso que o Outro o chame. É através desta invocação, através da qual o Outro empresta as palavras e uma interpretação, que o significante entra

no real e produz o sujeito enquanto efeito de significação, fazendo do grito puro do bebê um grito para. A voz é destacada assim como o meio pelo qual a linguagem e a fala se transmitem. O desejo do sujeito se funda, dessa maneira, como desejo do Outro. Mas, se é por meio da voz que a linguagem é transmitida ao sujeito pelo Outro, é necessário a cada um aceitar e recusar ao mesmo tempo essa voz originária. Se a ouvimos demais, ficamos paralisados, ensurdecidos aos nossos próprios movimentos. Para encontrar sua voz, tornar-se invocante, o sujeito deve tornar-se surdo à pura continuidade do Outro. Vivès relembra então que é isso que uma análise pode promover ou facilitar. Ela consiste em supor no outro a existência de um sujeito que pode responder ao "Tu és só isso" com "Não sou apenas isso". *"*O comando simbólico subentendido em 'Tu não és apenas isso 'lembra que sou, de fato, outra coisa que não 'isso', mas também outra coisa que não 'eu*"* (Vivès, 2018, p.47) Mas, se a voz, presente na origem da constituição do sujeito, é aquilo que nos faz humano, nem por isso é permitido que cada um se escreva com facilidade no concerto do mundo.

A maldição contra o sujeito, ele segue, é devastadora em alguns casos, ela encontra lugar entre os significantes, na hiância entre sujeito e Outro, que impossível de ser simbolizada vira lugar de rechaço. O sujeito, se pode encontrar (alg)uma desidentificação com a maledicência, pode ser reconhecido não por um significante, mas por um campo de significância que o permite de novo saltar. Desiderado do congelamento de um campo de significação, o sujeito pode fazer da hiância um espaço vazio, de causa e criação. Nisso se escreve a ética do bem-dizer.

Em outras palavras, uma análise pode insistir lá, onde sem perceber, se prefere desistir e resistir. A insistência do desejo que se coloca aqui em jogo é que se possa fazer da incompletude do Outro causa de invenção, de desejo e de endereçamento, um por vir, e não da busca perpétua por uma resposta final e de destruição.

Em 1972 Lacan afirma “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”. Com essa afirmação ele relembra que por trás do dito há o ato de dizer. A sustentação e as consequência de um discurso que se dão na e pela voz. Ele passa assim do campo da enunciação/enunciado, que até então trabalhava, para o campo do dito/dizer. E afirma, o significante é o que organiza o sentido da fala. A voz - seu vazio. Por trás dos ditos, há o que chamamos de ressonância, que reverbera e que se escreve no corpo sem que o sentido o alcance. Tocando o real ela ressoa e se destaca como campo da voz, que amplia o campo do fazer analítico e lhe permite um outro tipo de orientação. Uma orientação não pela interpretação que visa a compreensão, mas que por sua reverberação, faz trabalhar o campo da equi(e)vocação, que rompe o fluxo contínuo da cadeia significante. Ela lhe dá uma sacud(ida), como diz Barthes, ou uma nova part(ida); reverbera, incide e é índice daquilo que é singular do sujeito. Singular a ponto de podermos dizer que o objeto voz se destaca para ganhar ares de voz própria. Não por ser uma voz que vem de um eu, pois não se trata de um campo de dominação, ou mesmo de certo ou errado, verdadeiro ou falso, mas do que ela ressoa como efeito, enquanto saber, que pode (des)orientar o sujeito e desprendê-lo de uma certa gramática da pulsão enrijecida, para ter efeitos de desembaraço na vida e com o outro.

No livro *O que faz laço?*, Colette Soler afirma que diante disso, um analista, se ao menos não for louco, só pode se sentir não estando à altura dessa performance. Ainda assim, nossa aposta, é que sua presença e sua escuta, possa dar algum limite ao não diálogo, provocando que do eterno desencontro, um pequeno passo se dê. Sobre a pergunta que dá título ao seu livro, Colette retorna a Freud e afirma que durante boa parte da vida ele se interrogou sobre aquilo que funda a civilização. Se para isso ele escreveu “Totem e tabu”, Lacan faz de seu texto uma releitura e propôs que se tratava da fabulação de um mito para designar um real impossível de formular - uma perda original que está na origem da fundação de todo e qualquer laço social diante da qual o sujeito inevitavelmente precisa do Outro. Assim, a linguagem não é apenas um instrumento de

comunicação do qual dispomos, mas um operador que tem efeitos de transmissão fundadora da vida, do desejo e do laço. Ela relembra - No princípio está o dizer. Mas cuidado, reitera, o dizer não é o som, o dizer é um ato, ele é existencial, é ele quem puxa o outro à vida, ele se endereça, ele cria. O dizer é o que testemunha a existência. O “Faça-se a luz”, ela retoma, pode ser somente da ordem de um texto, é preciso seu dizer para passar “e a luz foi feita”.

Para Barthes, por fim, para que um texto se torne vivo não bastam as palavras, é necessário seu leitor. É ele quem lhe dá vida. Barthes propõe que uma forma de estudar a obra seja tomá-la não pelo ângulo do autor, mas de seu leitor. Tornar o ato de leitura como algo vivo implica promover uma nova escritura. Do lado daquele que lê, algo se escreve. Ele é produto do texto. Vivo, o leitor é enlaçado e convidado constantemente a reescrita. A função de um escritor, portanto, é suportar o texto como um engajamento fracassado, haja vista a impossibilidade de uma escritura plena. Ao leitor, cabe a ele poder dizer sim. O que se escreve, na medida em que se lê é sempre um novo texto, um texto que o leitor mesmo não sabia que existia. Escrita e leitura, caminham assim juntas.

Não seria essa também, curiosamente, uma das formas de nomear o inconsciente e tão bem trabalhado por Lacan ao longo do seminário 24? Não algo a ser desvendado, mas um texto que se escreve, na medida em que se fala e é lido, por trás daquilo que se sabe sem saber?

Se Didier toma a música para falar dos tempos da pulsão invocante, é porque como ouvinte, tudo se passa, como se a música nos trouxesse uma resposta. A questão é que dessa resposta fazem ressurgir perguntas. Perguntas das quais o sujeito mesmo não sabia que se fazia. Inspirado pela música, o “sujeito musicante seria a resposta a esta questão que habita em você”. (DIDIER, 1976/1979, p.5) Haveria então um sujeito que podemos chamar também de sujeito leitor? Cujo encontro com o texto lhe traz igualmente respostas e quase a certeza de que esse foi escrito para ele?

Se a música permite que uma Outra sonoridade toque no sujeito para que a pergunta “Che vuoi?” possa cair e algo do sujeito advir, talvez possamos pensar algo similar com a leitura de romances, poesia e mesmo textos teóricos. Uma leitura que permita que um outro texto, uma outra forma de escrita se escreva no sujeito fazendo surgir textos e Outras escritas que desconhecemos em nós mesmos.

Se a música se constitui como se ela ouvisse algo do sujeito instaurando a partir disso uma espécie de suposição de saber do lado daquele que a escuta, haveria algo semelhante também com o texto e seu leitor. Supomos um saber do lado do escrito, mas à medida em que se lê o sujeito descobre um saber do qual ele mesmo não sabia possuir. Daí os efeitos de amor que a música e mesmo os textos produzem o tempo todo. É que o encontro com o texto permite nomeações que pareciam ao sujeito até então impossíveis. Na medida em que ele responde ao Outro, um Outro não mais absoluto, uma falta se abre em seu campo e uma hiância se coloca no que pode ser comemorado como um vazio a ser articulado.

Didier afirma que há aqui, então, a possibilidade do que ele chamou do 4o tempo da pulsão, na qual o sujeito pode se arriscar a saltar. Ele irá escrevê-la como S(Ⱥ) e S2, na qual a hiância radical encontrada no campo do Outro não precisa ser preenchida pela necessidade da demanda e pela pergunta o que quer de mim?, mas pelos caminhos da pulsão, que ele colocará como efeito o gozo pela existência. É um último tempo, em que o sujeito poderá fazer a sua incursão e advir à esse lugar quase como uma espécie de comemoração do inconsciente, da comunhão das faltas que fundam a hiância do sujeito e do Outro e que no lugar da maledicência e destruição pode se escrever como causa de uma alegria em existir.

xxx

> Escrever é tentar saber o que escreveríamos se fossemos escrever - só ficamos sabendo depois - antes, é a pergunta mais perigosa a nos fazer. Mas também a mais comum.
>
> Marguerite Duras

Xxx

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance. Vol. I**. São Paulo, SP. Editora Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **O Prazer do texto**. São Paulo, SP. Editora Perspectiva, 2013.

CALDAS, Heloisa. **Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Contra Capa, 2007.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **Las Estructuras clínicas a partir de Lacan. Buenos Aires, Argentina**. Ed. Letra Viva, 2017.

LACAN, Jacques. **A Transmissão - Encerramento do 9o Congresso da Escola Freudiana de Paris**. Disponível em <https://appoa.org.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222> Acesso em: 08.10.2025

LACAN, Jacques. (1976-1977) **Seminário 24. Línsu que sait de l'une bévue s'aile à mourre**. Tradução heReSIa.

LACAN, Jacques. (1976) **Lacan in North America**. Porto Alegre, Rs. Editora Fi, 2016.

LACAN, Jacques. **Rumo a um novo significante**. Tradução: Jairo Gerbase. Ornicar, Paris, 1979.

SOLLER, Colette. **O que faz laço?** São Paulo, SP. Editora Escuta, 2016.

VIVÈS, Jean-Michel. **A Voz na clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Contra Capa, 2018.

WEILL, Alain-Didier. **Invocações**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Companhia de Freud, 1999.